

DUARTE, Paulo Sergio. "Para reler o vermelho e o negro" [Rereading the red and the black]. In *Rosângela Rennó*, folder de exposição/exhibition folder Rio de Janeiro: Laura Marsiaj Arte Contemporânea, 2001

Para Reler o Vermelho e o Negro / Paulo Sergio Duarte

A palavra e a imagem; melhor: a imagem e a palavra. Afinal, foi assim que as coisas aconteceram. Primeiro, olhar; depois, falar. Fixaram as imagens – Altamira, Lascaux. Dezenas de milhares de anos depois capturaram as palavras, na escrita, provavelmente com imagens – hieróglifos, ideogramas. Hoje, toda essa distância desapareceu. Apagou-se a história. E é nessa penumbra, quase escuridão, de um tempo que não mais se pensa, que não mais se sente, um tempo sem antes, nem depois, onde “tudo é ao mesmo tempo agora”, que surgem as palavras e as imagens de Rosângela Rennó.

Todo crepúsculo que se preza, aquele que anuncia o dia, ou a noite, tem vermelho. É o crepúsculo da imagem e a noite da palavra que Rosângela nos entrega. Ela quer um olho pele, tátil, capaz de tocar as palavras e as imagens. São palavras cegas e imagens em surdina que ela nos oferece. Palavras não precisam ser vistas; precisam ser lidas, e isto Rosângela quer. E para isso estão submetidas são submetidas à inversão: estão suntuosas, negras, ocultas, sobre as almofadas de veludo preto. Textos como pequenas jóias. Adornos do sentido que se escondem na escuridão em relevo e despertam nossa curiosidade. / *A imagem que ela diz guardar de seu algoz é a de um homem que confundia seus interlocutores quando assumia o comportamento frio, decidido e muito objetivo nos interrogatórios. Vinte anos depois, E.M., 41 anos, ex-militante do MR-8, ficou trêmula ao ver a fotografia recente do delegado D.P. e não teve dúvida em afirmar: “É ele mesmo! Essa fisionomia ficou muito forte para mim”. / O drama e a tragédia estão rebaixados e contidos. Existem simplesmente, são partes*

do mundo. *Vê-se logo, são políticos.* / *Y, o homem misterioso favorito do país, só se deixa fotografar mascarado. Seus traços mais conhecidos são o nariz protuberante, os olhos brilhantes - que alguns repórteres dizem ser verdes e outros, castanhos claros -, e o seu talento para escrever. Até agora, foram frustradas todas as tentativas de detectar sua identidade. Na segunda-feira, quando se iniciaram as conversações de paz entre o governo e os guerrilheiros, Y. roubou o espetáculo. Usando seu eterno gorro de esquiador e cartuchearas a tiracolo, Y. pôs-se de pé, desfraldou uma bandeira do país e a manteve sobre a mesa, criando uma fascinante imagem de patriotismo para a guerrilha.* / **Palavras lidas não são palavras vistas.** Nosso mundo, o mundo da publicidade, tudo rápido, veloz, misturou as coisas: nós, da escrita fonética, passamos a ver palavras, não mais lê-las. Poetas, concretistas, gostaram disso. Entretanto, **palavras lidas não são palavras vistas.** / *A demissão do ministro que, há sete anos, acompanha o presidente em diversas funções públicas foi provocada por uma foto publicada no mês passado, na revista Notícia. Ex-membro da Suprema Corte, M., 49 anos, cabelos ralos e barba branca, estava quase irreconhecível: bem mais jovem, com o rosto liso, e o braço direito levantado, numa clara saudação ao ídolo de sua adolescência. Acusado de ter pertencido a organizações de extrema direita que, nos anos 60, cometeram mais de uma centena de ataques contra judeus e comunistas, M. não tentou negar. Apenas perguntou: – Quem não comete erros aos 14 anos de idade?* / **Palavras vistas erram sem alvo e, muito mais, espalham-se em estilhaços, são bombas primárias, perversas.** A palavra lida é a flecha do arqueiro zen: é o alvo. Só tem partida e chegada, sem trajeto. Os mais afoitos diriam: certeza quântica. Gosto disso, das palavras de Rosângela que, mesmo escondidas na sombra, dormem acordadas, vigilantes, certas que são alvos. Essas palavras noturnas, escolhidas no *fait divers*, amanhecem nas imagens.

Depois da noite das palavras, nesse lusco-fusco banhado na cor sangue, vejo jovens estudantes militares posando. Ninguém esquece a disciplina da pose. Num átimo, somos todos militares. Uma suástica no braço e uniformes no estúdio doméstico do fotógrafo. Um senhor de fardão posa orgulhoso, mas sem exagero, como se seus bordados em ouro fossem pinturas sobre a pele de um autêntico guerreiro índio. O antropólogo moderno também sabe: depois das seduções das estruturas, não se transpõe o sentido, a história não se repete, o bordado nunca será a tatuagem.

Temos em negro, recortes de textos, notícias. Em sangue, poses, de homens vestidos. O vermelho e o negro, de novo. Essas roupas de cores – luto e sangue – com que Rosângela os vestiu, textos e imagens, os despiram. Com muito pudor, com o véu das cores, a artista nos entrega a nudez do texto e da imagem. Mas sempre haverá quem pense que se trata de gravura e de fotografia. Se for assim, então, para quê tanta poesia? Observo, há dez anos, por contatos esparsos, a experiência da artista e, por isso, penso que Rosângela nos oferece, agora que todas as barreiras entre os gêneros foram rompidas, o romance possível. Um pequeno grande romance de colagens de textos e imagens: a planície mágica que relê o vermelho e o negro.